

## Índice

Para falta de família, políticas de identidade .....	1
--	---

### Para falta de família, políticas de identidade

Desde tempos imemoriais, os seres humanos forjaram a sua identidade no seio das estruturas de parentesco. Mas com a erosão da família no último meio século, muitas pessoas perderam os seus sinais de identidade e procuram um substituto de reconhecimento e solidariedade nos grupos baseados em determinados traços (raça, género, orientação sexual, origem étnica...). A socióloga Mary Eberstadt explica no seu livro "Gritos primigenios. Cómo la revolución sexual creó las políticas de identidad" (Ediciones Rialp, Madrid, 2020, 141 págs. T.o.: "Primal Screams: How the Sexual Revolution Created Identity Politics"; os textos aqui reproduzidos, por gentileza da editora, são tirados do capítulo 2 "Una nueva teoría: La gran dispersión"), que o poderoso crescimento destas políticas da identidade é o resultado de uma carência de família e de comunidade. Apresentamos um extrato sobre o resultado da revolução sexual.

"Quem sou eu?" é uma pergunta humana universal. No entanto, é difícil de responder quando outras perguntas básicas se revelam problemáticas ou se encontram fora do nosso alcance. Quem é o meu irmão? Quem é o meu pai? Onde estão, se estiverem nalgum lugar, os meus primos, avós, sobrinhas, sobrinhos e as restantes conexões orgânicas que serviram de orientação para a existência quotidiana da humanidade até aos nossos dias? (...)

### O pai ausente

Mas quando é que enfraqueceram os laços familiares? Vamos examinar algumas das formas de fragilização da família. No ano de 1965, em "The Black Family: The Case for National Action", o futuro senador Daniel Patrick Moynihan argumentou que a pobreza entre os negros estava vinculada fundamentalmente à implosão da família negra, e mostrou a sua preocupação com a taxa de nascimentos fora do casamento, que então rondava os 25 %, superando em muito a taxa entre os brancos. Essa taxa continuaria a aumentar tanto entre os brancos como entre os negros durante as décadas seguintes. (...)

Em 1997, um dos cientistas sociais mais eminentes do século XX, James Q. Wilson, identificou a raiz da fratura nos Estados Unidos na dissolução da família. Este professor de Governação em Harvard, professor emérito da UCLA (University of California, Los Angeles) e ex-presidente da American Political Science Association, descreveu o que designou pelos "dois países" dos Estados Unidos. (...) A linha divisória já não tinha a ver com rendimentos ou classe social, mas com o tipo de família da qual se provinha, isto é, se a pessoa havia nascido num lar desfeito ou intacto. "Não é o dinheiro", observou, "mas a família que é a base da vida pública. À medida que se enfraqueceu, todas as estruturas construídas sobre essa base se debilitaram também". Em 1997, o desmoronamento familiar nos Estados Unidos já não era um fenómeno de gueto, mas um facto da vida quotidiana de cada vez mais cidadãos.

(...) A estrutura familiar tinha-se tornado mais importante do que a raça, os rendimentos ou o lugar de nascimento para que existissem comportamentos positivos: "Os filhos de famílias monoparentais, comparativamente aos de famílias com os dois pais, têm o dobro de probabilidades de abandonar a escola; são muito mais propensos a serem jovens que não estudam nem

trabalham; as filhas de famílias monoparentais têm o dobro de probabilidades de terem um filho fora do casamento; (...) os filhos criados em lares monoparentais têm mais probabilidades de serem suspensos na escola, de terem problemas emocionais e de se comportarem mal”.

Duas décadas e muitos mais livros e investigações depois, todos os estudos confirmam a tese de Wilson: a nova riqueza nos Estados Unidos é a riqueza familiar, e a nova pobreza, a pobreza familiar. Ao mesmo tempo, os pais ausentes têm sido somente as lacunas familiares mais visíveis e mensuráveis.

## Filhos divididos

No ano 2000, Elizabeth Marquardt, em colaboração com o sociólogo Norval Glenn, publicou “Between Two Worlds: The Inner Lives of Children of Divorce”, o primeiro estudo sobre os efeitos a longo prazo que tem na vida adulta a rutura dos pais. Marquardt elaborou um longo questionário a mil e quinhentos adultos jovens, tendo metade conhecido a separação dos pais antes dos filhos completarem catorze anos. Marquardt documentou diferenças entre os filhos cujos pais se divorciaram e os que provinham de famílias intactas. Estas diferenças incluíam temas como confiança, ansiedade, espiritualidade e outras medidas gerais de bem-estar.

Para os propósitos deste livro, o mais significativo são as perguntas que revelam outro tipo de diferença: estes dois grupos, por vezes, mostram conceitos de *identidade* totalmente contrapostos.

Por exemplo, os filhos de pais divorciados tinham uma probabilidade quase três vezes superior de concordar totalmente com a declaração: “Sentia-me como uma pessoa diferente com cada um dos meus pais”. (...) Quase dois terços dos inquiridos com pais divorciados também concordaram com a seguinte declaração, que expressa a divisão de si mesmo em mais de um: “Sentia que tinha duas famílias”.

Isto é, novamente, uma evidência evocadora da profunda sensação de rutura de si mesmo que muitas pessoas, tanto adultos como crianças, experimentam como pontos de partida na vida (...) E embora este livro se limite ao estudo de filhos de pais divorciados, as suas conclusões também poderiam aplicar-se a lares onde os pais nunca se casaram, mas em que ambas as partes continuam a desempenhar um papel na vida da criança, embora a partir de lugares diferentes.

## Os filhos de doador anónimo

Uma nova forma de diluição da identidade é a tecnologia de reprodução assistida, que inclui métodos como a doação anónima de esperma e a gravidez de substituição.

A criação de seres humanos a quem intencionalmente se privou de conhecerem pelo menos um, e às vezes ambos, dos seus pais genéticos é uma experiência tão recente que ainda não recebeu uma atenção académica generalizada. (...) Ainda assim, o primeiro estudo importante dos efeitos que estas técnicas têm sobre a identidade é extremamente sugestivo. Em “[My Daddy's Name is Donor: A New Study of Young Adults Conceived through Sperm Donation](#)” (“Aceprensa”, 4.6.2010), Elizabeth Marquardt, Norval D. Glenn e Karen Clark reuniram a primeira amostra representativa de 485 adultos entre os 18 e os 45 anos, cujas mães tinham utilizado um doador de esperma, e compararam os resultados com os de um grupo de 583 adultos criados pelos seus pais biológicos. Dizem os autores que “em média, os adultos jovens concebidos através da doação de sémen sofrem mais, encontram-se mais confusos e sentem-se mais isolados das suas famílias. Lidam pior do que os seus pares criados por pais biológicos com alguns temas tão importantes como a depressão, a delinquência e o abuso de drogas”.

Além destes resultados negativos, que coincidem com os do lar sem a presença do pai em geral, há sinais claros de confusão de identidade. Cerca de dois terços da amostra, por exemplo, concordaram com a afirmação: “O meu doador de esperma é a metade do que eu sou”. O problema é que esta metade do eu ficou pendurada no limbo.

(...) Os resultados do inquérito também lançam a seguinte revelação: “Mais de metade afirmam que quando veem alguém que se parece com eles, interrogam-se sobre se estarão relacionados entre si. Quase todos dizem que temeram sentir-se atraídos ou ter relações sexuais com alguém com quem estão relacionados sem o saber”.

É difícil pensar num indicador mais fundamental da identidade humana que o tabu do incesto: a definição de quem, exatamente, poderia ser um companheiro aceitável ou proibido. As pessoas que não têm esse tipo de orientação são pessoas que não podem responder à pergunta *Quem sou eu?* no seu nível mais básico.

Os filhos de doadores de esperma são muito poucos relativamente ao resto da população. (...) Mas o mapeamento do seu estado emocional revela uma verdade que se aplica a qualquer pessoa: os seres humanos tentam responder à pergunta *Quem sou eu?* através do conhecimento das suas relações. (...) As relações humanas, especialmente as de parentesco, são uma ferramenta em primeira mão para construir a identidade. É, por isso, que os filhos de doadores anónimos têm de assumir o desafio de se encontrarem a si próprios.

(...) “My Dady’s Name Is Donor” também informa que “aproximadamente metade dos filhos de doadores têm preocupação ou objeções sérias sobre a própria ideia da doação de esperma, mesmo quando os pais dizem aos filhos a verdade sobre a sua origem”. O facto de muitas pessoas se oporem às suas próprias origens, a quem são, é mais um exemplo, embora algo incomum, de que a consciência de quem somos e quem são os nossos têm a mesma raiz.

## **Crescer sem irmãos**

Uma evidência demográfica mais significativa é a redução numérica da maioria das famílias ocidentais, tanto se permanecem juntas, como se estão separadas. Isto implica que nos últimos anos tenha diminuído o número de pessoas que crescem com irmãos. (...)

Atualmente, é muito mais comum que as mães norte-americanas tenham um ou dois filhos, em vez de três ou mais, como era o caso no início da década de 60 do século passado. Os filhos únicos converteram-se na norma em grande parte da Europa e em partes da Ásia, e o número está a aumentar nos Estados Unidos. (...)

Por que é isto importante? Porque diversos resultados mostram que estar acompanhado por outros contemporâneos não parentais (isto é, irmãos) nas primeiras etapas da vida constitui uma vantagem na socialização de crianças e adolescentes. Se se refletir sobre isto, é difícil ver como poderiam ser as coisas de outra maneira; ao fim e ao cabo, muitos irmãos passam mais tempo entre eles do que com os pais, e a relação entre irmãos é a única relação familiar capaz de perdurar durante toda ou quase toda a vida. (...)

Um estudo canadiano publicado em 2018 sugere que os irmãos também aprendem uns com os outros a ser mais empáticos, independentemente da ordem de nascimento. Outro estudo constatou que existe uma correlação entre a probabilidade de divórcio e a quantidade de irmãos que se têm; quanto maior é esse número, menor é a probabilidade de divórcio. Tal como outras análises sobre os benefícios de ter irmãos e irmãs, este estudo estima que a necessidade de dividir recursos prepara os irmãos para competências sociais essenciais na vida, como a negociação e o partilhar. Os irmãos também poderiam ser vistos, pelo menos potencialmente, como uma proteção contra o flagelo da solidão. (...)

Um estudo que foi notícia demonstrou o que muitos poderiam ter considerado uma questão de senso comum: crescer com um irmão do sexo oposto faz com que os adolescentes e os adultos jovens tenham mais confiança e sucesso no mercado do romance, porque tiveram a oportunidade de observar de perto um membro contemporâneo do sexo oposto e tiveram a prolongada experiência de interagir com essa pessoa na vida real. (...)

## **Epidemia de solidão**

Um número considerável de homens e mulheres sofrem aquilo que os cientistas sociais e os profissionais médicos designam por uma “epidemia” de solidão. Mais de cinquenta anos depois do sucesso da revolução sexual, surge o paradoxo de que os países do planeta com melhores índices económicos são também aqueles em que muitos dos seus cidadãos se encontram mais empobrecidos emocionalmente. Isto observa-se particularmente, embora não apenas, no modo como vivem os idosos.

No final de 2016, o “The New York Times” publicou uma história dolorosa sobre como é vista a escassez de nascimentos no Extremo Oriente. O artigo começa assim: “4000 mortes solitárias por semana... Todos os anos, alguns [dos idosos do Japão] morrem sem que ninguém dê conta disso, acabando por se saber após os seus vizinhos sentirem o cheiro a cadáver”. A história continua e salienta que gerações de berços vazios também desembocaram numa nova indústria: empresas que limpam os apartamentos dos que morrem sozinhos. (...) Na Suécia, um documentário de 2015 sobre “A teoria sueca do amor” contou histórias dolorosas de mortes solitárias nos países escandinavos. Na Alemanha, a “Der Spiegel” publicou um artigo intitulado “Sozinho em milhões: a crise da solidão ameaça as pessoas idosas alemãs”. (...)

A aritmética por detrás do novo isolamento é simples. Não só o divórcio e a união de facto enfraqueceram a atração gravitacional da família, como também a contraceção e o aborto generalizado reduziram ainda mais o núcleo familiar. O resultado é uma nova geração de idosos, muitos dos quais chegam ao final dos seus dias não apenas sem dentes ou sem olhos (cegos), como sem cônjuge, sem filhos e sem netos. Esta realidade que tem sido esquecida, explica a importância de outro tema político candente: a pressão para facilitar o acesso à eutanásia em todos os países avançados. (...)

## **Falta de laços religiosos**

Outra forma convencional de saber quem somos, e que também diminuiu imenso durante as últimas décadas, é a filiação religiosa. Vivemos numa altura em que cada vez menos pessoas têm experiência de alguma religião organizada. (...)

A secularização também significa que muitos já não experimentam o sexo oposto como lhes é ensinado pelas pessoas com formação religiosa, isto é, como irmãs e irmãos figurados, unidos numa mesma comunidade. Mais uma vez, muitas pessoas viram-se privadas de um conhecimento familiar e não sexual do sexo oposto, e assim se desfez outro dos vínculos mais substanciais entre os sexos.

Na sua forma mais fundamental, a decisão de grande parte da humanidade ocidental de viver sem um horizonte de transcendência, elimina outra das formas de responder à pergunta *Quem sou eu?*, ou seja, a resposta que a religião apresentou tradicionalmente: *sou um filho de Deus*. (...)

## **Família fantasma**

Um fenómeno que tem vindo a caracterizar cada vez mais vidas durante os últimos 50 anos é o que poderiam ser chamados os membros de uma família “fantasma”. Muitas pessoas pós-revolucionárias, seja por escolha ou por acidente, passam pela vida com uma vaga consciência das vidas familiares que poderiam ter tido, mas que não têm, seja pela rutura da família na infância, ou pela longa cadeia de ex-casais que é agora típica das relações amorosas ocidentais, ou pelo aborto, ou pela falta de filhos por escolha própria, ou pela interrupção de outras fontes do que poderia chamar-se uma família.

Muitos de nós estamos acostumados a padrões de monogamia em série, por exemplo, naqueles em que um casal é seguido por outro. Quando há crianças, isto significa uma mudança constante dos membros da família. Algumas vezes existe uma relação biológica com estes membros, outras vezes não: padrastos, meios irmãos, irmãos inteiros, “tios” e “primos” nominais, e outras permutas que imitam e servem como um substituto das relações próprias de uma família biológica. (...)

O resultado de todos estes eus mutantes e giratórios é que muitas pessoas não têm experiência de algo que pertenceu à humanidade ao longo da história: um círculo confiável de rostos, muitos deles biologicamente relacionados, presentes de modo mais ou menos constante, desde as primeiras etapas da vida e da adolescência até muito depois. (...)

Para muitas pessoas, por todo o tipo de razões, essas caras já não existem. Seja qual for a posição que se tenha nas batalhas das “guerras culturais”, aqui é irrelevante. É evidente que a relativa estabilidade da identidade familiar de ontem era capaz de responder à pergunta que está no coração da política identitária, *Quem sou eu?*, de uma maneira que muitos homens, mulheres e crianças já não são capazes de responder.